

CAPÍTULO 1

Máquinas inteligentes espreitavam pelo quarto, as luzes indicativas de que estavam ligadas brilhando como olhinhos vermelhos de morcego na penumbra das venezianas fechadas. As máquinas se agachavam em nichos nas paredes brancas de estuque mexicano: um ionizador, um televisor, um alarme de fumaça, um esquadrão de sensores de movimento. Um vaporizador sibilava e borbulhava suavemente no canto, emitindo um potente odor de óleo, ginseng e eucalipto.

Alex estava deitado, apoiado em travesseiros com fronha de seda, os pés e joelhos formando saliências nos lençóis de algodão engomados. Sua carne parecia argila molhada, um tanto gordurosa e úmida, completamente inerte. Desde cedo ele vinha ofegando na máscara preta de neoprene do inalador ao lado da cama, e agora as pontas dos dedos, que haviam ficado pálidas como cera e tremiam um pouco, pareciam estar se fundindo à máscara. Alex pensou por um momento em pendurá-la no gancho de aço inoxidável do suporte médico ao lado da cama. Rejeitou a idéia. Seria sofrimento demais deixar essa máscara, tão gostosa, fora de alcance.

A dor nos pulmões e na garganta não havia passado de verdade. Talvez um milagre desses fosse pedir demais, até mesmo para uma clínica médica do mercado negro mexicano. Não obstante, depois de duas semanas de tratamento na clínica, a dor assumira uma nova sutileza. A inflamação ardente havia diminuído e se transformado em uma sensação interessante, nova, uma coisa tênue e quase teórica.

O quarto estava tão frio quanto um aquário, e Alex se sentia tão à vontade e entorpecido quanto uma carpa. Estava afundado na cama, na penumbra, os olhos piscando, granulosos, como se uma textura mais profunda de sua doença se revelasse, languidamente.

Bruce Sterling

Sob os lençóis engomados, Alex começou a sentir-se quente. Em seguida, zozzo. E, em seguida, ligeiramente nauseado. Uma progressão usual de sintomas. Sentiu a torrente negra se acumular dentro do peito.

Então ela fluiu através dele. Sentiu a espinha derreter. Parecia estar se infiltrando no colchão.

Esses acessos vinham ocorrendo com mais frequência e com uma força maior, ultimamente. Por outro lado, as suas correntes negras estavam levando Alex a lugares interessantes. Sem respirar, Alex nadou agradavelmente, por um longo momento, sob o limiar da inconsciência.

Então, sem controle consciente, a respiração voltou. A mente rompeu a superfície do delírio. Quando os olhos se reabriram, o quarto à sua volta lhe pareceu intensamente surreal. Paredes rastejantes de estuque branco, teto rodopiante de estuque branco, grosso carpete de um azul-piscina químico, com pêlos grossos. Abajures bulbosos de cerâmica encorujavam-se, apagados, em requintadas mesas de vime. A cômoda, a escrivaninha, a cama de madeira, estavam todas marcadas pela mesma confraria rastejante de octágonos azul-piscina... As venezianas de madeira, com dobradiças de ferro, guardavam as janelas vedadas com massa de vidraceiro. Uma planta tropical, de estufa, moribunda, um monstro esquelético de folhas de borracha que havia se tornado o seu companheiro mais fiel ali, estava em seu vaso de terracota, suavemente envenenada pela constante escuridão e a umidade do vapor medicamentoso...

Um zumbido agudo soou ao lado da cama. Alex virou a cabeça empastada sobre o travesseiro. A máquina voltou a zumbir. E, em seguida, de novo.

Alex percebeu, com uma vaga surpresa, que a máquina era um telefone. Nunca recebera nenhuma chamada pelo telefone do quarto. Nem ao menos sabia que tinha um. A máquina, velha e humilde, havia ficado lá, sentada, entre suas companheiras máquinas, totalmente obscurecida.

Alex examinou a antiquada e mal projetada interface de botões do telefone durante um longo momento de tontura. O telefone zumbiu

Tempo Fechado

mais uma vez, insistente. Largou a máscara do inalador e curvou-se, atravessado na cama, com um giro, e um roçar, e um estalo, e um gemido. Pressionou o minúsculo botão denominado *ESPKR*.

— *Hola* — bufou. A laringe grudenta estalou e guinchou, trazendo lágrimas inesperadas a seus olhos.

— *¿Quién es?* — o telefone respondeu.

— Ninguém — Alex falou de forma estridente, em inglês. — Cai fora!

Esfregou um olho e olhou para o telefone. Não tinha idéia de como desligar.

— Alex! — o telefone disse, em inglês. — É você?

Alex piscou. Sangue corria por sua carne dormente. Sob os lençóis, as batatas das pernas e os dedos dos pés começaram a formigar, ressentidos.

— Quero falar com Alex Unger! — o telefone insistiu, incisivo. — *¿Dónde está?*

— Quem fala? — Alex disse.

— É Jane! Juanita Unger, sua irmã!

— Janey? — Alex disse, atordoado. — Deus, já é Natal? Sinto muito, Janey...

— Quê! — o telefone gritou. — É *nove de maio!* Minha nossa, parece que você está um lixo mesmo!

— Ei... — Alex disse, sem força.

Nunca tinha acontecido de sua irmã lhe telefonar fora do Natal. Fez-se um silêncio angustiante. Alex estudou, com os olhos turvos, os botões indecifráveis no viva-voz. *RDIAL*, *FLAS*, *PROGMA*. Nenhuma pista de como desligar. A linha telefônica aberta ficou ali, espiando-o, um tormento exigindo resposta.

— Estou bem — ele finalmente protestou. — E você, como está, Janey?

— Você ao menos sabe que *ano* é? — o telefone exigiu. — Ou onde você *está?*

— Hmmm... Claro...

Um pânico vago, de culpa, penetrou-lhe a mente enevoada pelos medicamentos. O relacionamento com a irmã mais velha nunca tinha sido o ponto forte de Alex, até nos melhores momen-

Bruce Sterling

tos, e agora ele estava fraco e confuso demais para se defender.

— Janey, não estou a fim de falar nisso agora... Deixa que eu ligo de volta...

— Não se atreva a desligar na minha cara, seu fujão! — o telefone gritou. — Que droga que estão fazendo com você aí? Tem alguma idéia da cara dessas *contas*?

— Estão me ajudando — disse Alex. — Estou em tratamento... Não enche.

— São um bando de charlatões! Vão tirar cada centavo que você tem! E depois vão te matar! E te enterrar em algum maldito depósito de lixo tóxico na fronteira!

As palavras agudas e agressivas de Juanita enxameavam por sua cabeça como abelhas. Alex se afundava de volta na pilha de travesseiros. Fitou o ventilador de teto, que girava lentamente, e tentou reunir as forças.

— Como você me achou aqui?

— Não foi fácil, pode ter certeza!

Alex grunhiu:

— Ótimo...

— E conseguir essa linha telefônica também não foi nenhuma moleza!

Alex inspirou profunda e lentamente, relaxou, expirou. Algo viscoso, nas profundezas de seu peito, gorgolejou de maneira desagradável.

— Droga, Alex! Você não pode simplesmente agir assim! Passei três semanas seguindo a sua pista! Nem o pessoal do Papai conseguiu te achar desta vez.

— Bem, claro — resmungou Alex. — Foi por isso que fiz desse jeito.

Quando a irmã falou novamente, a sua voz estava cheia de determinação:

— Arrume as coisas, Alejandro. Você está saindo daí.

— Não enche. Me deixa em paz.

— Sou sua *irmã*! O Papai desistiu de você. Ainda não entendeu isso? Você já é grande, e o magoou vezes demais. Sou a única que ainda se importa.

Tempo Fechado

— Não seja tão cretina — coaxou Alex, cansado. — Não esquenta a cabeça.

— Sei onde você está. E estou indo te pegar. E qualquer um que tentar me deter, você inclusive, vai se arrepender muito!

— Você não pode fazer nada — Alex disse a ela. — Assinei todos os papéis da clínica... Eles têm advogados.

Limpou a garganta, com uma longa dor áspera. Voltar a ficar totalmente alerta estava longe de ser agradável; diversas seções de sua carcaça (a parte superior da coluna, os tornozelos, os seios nasais, o diafragma) registraram protestos de dor aguda e uma profunda relutância em funcionar.

— Quero dormir — ele disse. — Vim aqui pra descansar.

— Você não pode brincar comigo, Alejandro! Se quiser morrer, vá em frente! Mas não jogue fora o dinheiro da família com esse bando de ladrões.

— Você é sempre uma droga de uma teimosa — disse Alex. — Você fez o que bem entendeu e agora me acordou, e eu me sinto uma droga! — Sentou-se. — É o meu dinheiro, e é a minha vida! Vou fazer o que bem entender! Volte pra escola de arte.

Estendeu-se pela cama, agarrou o fio do telefone e o arrancou da parede, quebrando a trava de plástico.

Alex apanhou o telefone morto, examinou-o e, em seguida, enfiou-o seguramente debaixo dos travesseiros. Sua garganta doía. Estendeu a mão de novo para o criado-mudo, enfiou os dedos em uma bandeja mexicana de prata batida, e tirou dela uma pastilha de sedativo. Desembrulhou-a e triturou-a docemente entre os molares.

O sono estava muito longe agora. Sua mente trabalhava de novo, e precisava ser entorpecida. Alex deslizou para fora da cama sobre as mãos e os joelhos, e procurou em volta no carpete grosso, felpudo e feio. Sua cabeça girava e pulsava com o esforço. Alex, acostumado com isso, persistiu.

O controle remoto do televisor, com a matreirice de todos os objetos inanimados que eram importantes, tinha ido ao chão em meio a uma pilha desmoronada de *fotonovelas* mexicanas baseadas em crimes reais. Alex observou que as molas de ferro da cama, depois de três semanas de umidade constante, iriam enferrujar de

Bruce Sterling

modo suave, mas completo.

Alex se ergueu nos joelhos, agarrando seu prêmio, e deslizou de volta para debaixo dos lençóis, com languidez artrítica. Recuperou a respiração, assoou o nariz, colocou de maneira precisa duas gotas frias de solução salina medicamentosa na superfície de cada globo ocular, e logo começou a percorrer o serviço de cabo da clínica, com contrações mínimas do polegar. Melodramas mexicanos lacrimosos. Um programa de jogo de palavras. Crianças perseguindo dinossauros-robôs em algum gigantesco *shopping* subterrâneo. A música pop tailandesa onipresente.

E algum noticiário alegrinho em inglês. Noticiário alegrinho em espanhol. Noticiário alegrinho em japonês. Alex, nascido em 2010, assistira aos noticiários se tornarem cada vez mais sofisticados e alegres, durante todos os seus vinte e um anos. Havia testemunhado, quando não passava de uma criancinha, centenas de horas de imagens brutais, manchadas de sangue: pragas, mortes em massa, quebra-quebras desesperados, hedionda destruição militar. Tudo isso, em um cenário aterrador de declínio ambiental fatídico e inexorável. Todo aquele material ainda estava por aí, do mesmo modo que cada aspecto da realidade moderna tinha uma sombra refletida na Rede, em algum lugar. Mas você tinha de procurar muito, hoje em dia, para achar, e as pessoas que discutiam isso pareciam não ter um orçamento dos maiores. Em algum ponto no passado, toda a aldeia global havia discretamente entrado em um estado de negação neurótica.

Hoje, crescido, Alex se defrontava com os datadutos de vidro da Rede entupidos com casamentos glamorosos do *jet-set* e histórias bonitinhas de cachorros. Heroínas empertigadas e heróis de queijo quadrado, de alguma forma, ainda ficavam ricos da noite para o dia. Celebidades ganhavam na loteria e ganhadores da loteria viravam celebridades. Crianças pequenas, com a cabeça fechada em capacetes de virtualidade, gesticulavam uma surpresa agradável enquanto acenavam as mãozinhas enluvadas para alucinações gigantescas. Alex nunca fora mesmo um grande fã de noticiários, mas agora sentia que os embromadores de sorriso radiante eram a fonte de todo o mal verdadeiro.

Tempo Fechado

Alex colidiu e encalhou em um docudrama mexicano sobre objetos voadores não identificados. Eram conhecidos como *los OVNI's* em espanhol, e, em *9 de mayo, 2031*, uma grande parcela do público latino-americano parecia sofrer de ataques espetaculares de *ovnimania*. Longos minutos da vida de Alex se escoaram em vão enquanto a tela despejava imagens sobre ele: bolas de fogo monstruosas à noite, anões com uma bola de pelúcia no lugar da cabeça e usando macacões de lamê prateado, e uma profecia em vídeo de alguma Virgem de Guadalupe interestelar com endereço próprio na Internet e um número telefônico gratuito.

A enfermeira diurna deu uma batidinha na porta e entrou, apressada. Chamava-se Concepción. Era uma quarentona corpulenta que não queria saber de papo-furado e tinha um gosto por lipoaspiração, cirurgias plásticas no rosto e aumento de seios.

— *¿Ya le hicieron la prueba de la sangre?* — disse ela.

Alex desligou o televisor.

— O exame de sangue? Sim, foi esta manhã.

— *¿Le duele todavía el pecho como anoche?*

— Bastante mal na noite passada — Alex admitiu. — Mas muito melhor, desde que comecei a usar a máscara.

— *Un catarro atroz, complicado con una alergia* — Concepción condeou-se.

— Pelo menos, nenhum problema com a dor — disse Alex. — Estou aproveitando o melhor do tratamento.

Concepción suspirou e fez sinal para que se levantasse.

— *Todavía no acabamos, muchacho, le falta la enema de los pulmones.*

— Um enema *pulmonar*? — disse Alex, sem entender.

— *Si.*

— Hoje? Agora mesmo? *¿Ahora?*

Ela fez que sim.

— Sou obrigado?

Concepción ficou sisuda.

— *¿El doctor Mirabi la recetó! Fue muy claro. “Cuidado con una pulmonía.” El nuevo tipo de pulmonía es peor que el SIDA, han muerto ya centenares de personas.*

Bruce Sterling

— Certo, certo — disse Alex. — Claro, tudo bem. Mas já estou bem melhor. Nem preciso da cadeira.

Concepción fez que sim com a cabeça e ajudou-o a sair da cama, enfiando o ombro sólido por baixo da axila dele. Os dois conseguiram chegar à porta da suíte e percorrer uns bons dez metros do corredor acarpetado antes de os joelhos de Alex se dobrarem. A cadeira de rodas, uma máquina de pouca inteligência, mas altamente especializada, vinha bem atrás quando Alex cambaleou. Ele abandonou a luta com dignidade e sentou-se na máquina de couro e cromo.

Concepción deixou Alex na sala de tratamento para esperar o Dr. Mirabi. Alex tinha bastante certeza de que o Dr. Mirabi não estava fazendo nada de importante. Deixar Alex esperando sozinho, em uma sala fechada, era simplesmente parte do protocolo médico, um modo de deixar claro de quem era o tempo mais importante. Embora os empregados do Dr. Mirabi trabalhassem freneticamente, sobretudo os esforçados farmacêuticos de varejo, o próprio médico não parecia muito assoberbado com obrigações. Pelo que Alex podia deduzir dos horários do pessoal, havia só quatro pacientes de longo prazo em toda a clínica. Alex tinha quase certeza de que a maior parte da renda da clínica vinha de *yanquis* em excursões de um só dia, que saíam de Laredo. Antes que ele mesmo tivesse se internado, em abril último, vira uma fila de americanos que pegava metade do quarteirão, comprando avidamente megadoses de panacéias mexicanas para as novas cepas ultra-resistentes de tuberculose.

A sala de tratamento do Dr. Mirabi era comprida, retangular e cheia de maquinaria alta, coberta com lona. Como em todas as outras partes da clínica, o ar-condicionado estava regulado para um frio de matar, e cheirava a um desinfetante forte e marcante. Alex lamentou que não tivesse pensado em agarrar uma *fotonovela* ao sair do quarto. Ele fingia não gostar da pornografia deselegante e cheia de violência das *novelas*, mas o seu espanhol de sarjeta, comicamente distorcido, era de grande interesse filológico.

Concepción abriu a porta e entrou. Atrás dela, o Dr. Mirabi chegou, com seu sempre presente bloco de notas à mão. Apesar do sobrenome vagamente islâmico, Alex tinha uma forte suspeita de que o Dr. Mirabi era, de fato, húngaro.

Tempo Fechado

O Dr. Mirabi tocou a superfície de vidro do bloco de notas com uma bela caneta preta, e examinou o resultado.

— Bem, Alex — ele falou rapidamente, no seu inglês com soquete —, parece que vencemos, de uma vez por todas, aquele estreptococo sujo.

— Isso mesmo — disse Alex. — Faz séculos que não tenho aqueles suores noturnos.

— Esse é um passo muito bom, muito bom — disse o Dr. Mirabi, encorajador. — Naturalmente, a infecção era só o sintoma crítico da sua síndrome. A próxima etapa da cura — ele examinou o bloco de notas — é a congestão mucosa crônica! Precisamos dar um jeito nesse muco crônico, Alex. Ele pode ter sido um muco protetor no começo, só que agora é um fardo para o seu metabolismo. Uma vez que o muco crônico tenha sido eliminado, e os tubérculos estejam inteiramente limpos... límpidos... — Ele se deteve. — É “limpos” ou “límpidos”?

— Qualquer um — disse Alex.

— Obrigado — o doutor disse. — Uma vez que o muco crônico seja removido das superfícies pulmonares, então poderemos tratar as membranas diretamente. As membranas dos seus pulmões estão danificadas, naturalmente, danos celulares profundos, mas não poderemos chegar às superfícies danificadas até que o muco seja removido. — Olhou para Alex seriamente, por cima dos óculos. — Como você sabe, o seu muco crônico está cheio de muitas contaminações! Anos de partículas e gases ruins que você inalou. Poluições ambientais, pólenes alérgicos, partículas de fumaça, vírus e bactérias. Tudo isso aderiu ao muco crônico. Quando os seus pulmões forem limpos com o enema, serão como os pulmões de uma criança recém-nascida! — Ele sorriu.

Alex concordou com a cabeça, em silêncio.

— No começo será desagradável, mas depois você achará delicioso.

— Vai ter de me anestesiá-lo de novo? — disse Alex.

— Não, Alex. É importante que você respire corretamente durante o procedimento. O detergente tem de chegar até o ponto mais profundo dos pulmões. Entende? — Fez uma pausa, dando

Bruce Sterling

comandos ao bloco de notas com a caneta. — Você é um bom nadador, Alex?

— Não — Alex disse.

— Então conhece a sensação de quando engole água pelo tubo errado — disse o doutor, acenando, triunfante, com a cabeça. — Aquele reflexo da tosse. Você vê, Alex, a razão pela qual a Mãe Natureza faz com que você tussa com a água, é que a água não tem nenhum oxigênio decente para os seus pulmões. Mas o líquido do enema, que estará enchendo os seus pulmões, não é água, Alex. É um fluido denso de silicone. Tem muito oxigênio dissolvido nele, oxigênio de sobra. — O Dr. Mirabi riu, divertido. — Se ficar deitado, sem se mexer e sem respirar, você pode viver meia hora com o oxigênio do fluido de enema que vai encher os seus pulmões! Ele tem tanto oxigênio que, no começo, você se sentirá hiperventilando.

— Tenho de inalar essa coisa de alguma forma, então?

— Não exatamente. É denso demais para ser inalado. De qualquer maneira, não queremos que ele entre nos seus seios nasais. — Ele franziu o cenho. — Temos de decantar o fluido em seus pulmões, suavemente.

— Entendo.

— Colocamos uma mangueirinha pela sua boca e a descemos pela epiglote. A ponta do tubo terá um anestésico local, por isso você não deve sentir a dor na epiglote por muito tempo... Você precisa ficar bastante quieto durante o procedimento, tentar ficar totalmente relaxado e respirar só quando eu mandar.

Alex fez que sim com a cabeça.

— As sensações são muito estranhas, mas não há perigo. Você precisa ter certeza de que deseja o procedimento. Se engasgar com o fluido, teremos de começar de novo.

— Doutor — disse Alex —, não precisa ficar me convencendo. Não tenho medo. Pode confiar em mim. Nada me detém. Nunca. Se as coisas me detivessem, eu não estaria aqui agora, não é?

— Haverá algum desconforto.

— Isso não é novidade. Também não tenho medo disso.

— Muito bem, Alex. — O Dr. Mirabi deu um tapinha no

Tempo Fechado

ombro de Alex. — Então vamos começar. Queira tomar o seu lugar na mesa de manipulação.

Concepción ajudou Alex a se deitar na mesa de couro articulada. Ela tocou um pedal no chão com o pé. Uma engrenagem de rosca sem-fim gemeu sob o piso. A mesa se curvou nos quadris de Alex e subiu sob suas costas, até um ângulo agudo. Alex tossiu duas vezes.

O Dr. Mirabi colocou um par de luvas translúcidas, habilmente tirou a capa de lona de uma das máquinas, e se pôs a trabalhar nos controles. Abriu um armário, pegou um par de tanques de aerossol gêmeos, amarelo-claros, e inseriu ambos em encaixes sobre a máquina. Conectou uma mangueira de plástico transparente às torneiras dos tanques e abriu as duas torneiras, com breves assobios pneumáticos. A máquina zumbiu e chiou um pouco, e emitiu um bafo quente de resistência elétrica.

— Vamos ajustar o líquido para a temperatura do sangue — explicou o Dr. Mirabi. — Dessa forma, os tubérculos não vão sofrer um choque térmico. Além disso, o calor vai dissolver o muco crônico mais efetivamente. Eficazmente? É “eficazmente” ou “efetivamente”?

— São sinônimos — disse Alex. — Será que vou vomitar? Este é o meu pijama favorito.

Concepción despiu-o do pijama e o embrulhou, rapidamente, em uma bata médica de papel. Ela prendeu Alex à mesa com um par de cintos de tecido. O Dr. Mirabi aproximou-se dele com o bocal de plástico macio da mangueira, lambuzado com uma pasta cor-de-rosa.

— Abra bem, não encoste a língua no anestésico — avisou.

Mesmo assim, Alex ganhou uma boa quantidade da pasta na parte de trás da língua, que imediatamente ficou tão dormente quanto uma língua de vaca cortada na tábua de um açougueiro.

O bocal deslizou, seguindo um estreito caminho de dor ao longo de sua garganta. Alex sentiu a válvula de carne dentro do peito pular e se debater à medida que a mangueira a tocava e penetrava. Então a dormência o atingiu, e um grande pedaço de carne por trás do seu coração simplesmente perdeu a sensação, virou um nada, como um miolo de maçã que tivesse sido extraído mecanicamente.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele ouviu, mais do que viu, o Dr. Mirabi mexendo nas torneiras. Então veio o calor.